



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA	28. DEZ. 1970	TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

Ao sair de S. Bento, por Belém

Pintassilgo decepcionada ataca a informação livre

Numa explosão própria do seu temperamento, a primeira-ministra sai de S. Bento, por Belém, tão mal como entrou. Recebida pelo Presidente da República durante duas horas, não revelou o teor dessa longa conversa, mas — ou porque tenha corrido bem demais ou pior do que esperava — Maria de Lurdes Pintassilgo descarregou sobre a Imprensa, a Rádio e um dos canais da Televisão (sic), toda a sua emoção.

Perante a passividade dos jornalistas presentes, a antiga embaixadora de Portugal na UNESCO excedeu tudo o que se podia esperar (ainda que a Informação em geral seja o bode expiatório de quase todos os governantes e outros membros do poder). Contraditoriamente, começou por reconhecer a força dos profissionais, da Imprensa, da Rádio e do tal canal da Televisão — nunca teve a coragem de mencionar nomes —, dizendo que tinham "contribuído de forma bem clara para a derrota" da sua proposta política.

Contudo, logo de seguida acrescentou que "a maior decepção" da sua experiência governativa dizia respeito aos órgãos de informação que acusou, na generalidade, de "terem enganado o povo português". A minoria que perfiha o seu nebuloso projecto, registre-se. Animada de um espírito de recriminação nunca visto, referiu-se mesmo a "frases escritas em pseudo-português" na maioria dos jornais.

De acordo com os relatos circunstanciados e resignados da agência de notícias estaziada e dos vespertinos de ontem, Maria de Lurdes Pintassilgo continuou queixando-se que tinham sido "inventadas mentiras" sobre a sua governação, destacando então a preparação das eleições, e a sua própria vinculação a determinada corrente política. Isto sem falar do que certamente mais a tocou e que mencionaria a seguir: ter sido minimizada a sua acção.

QUER VOLTAR À UNESCO

Já delirante, à beira do sofá de psicanalista que disse não ser, a primeira-ministra reconheceu-se impotente para "fazer a psicanálise da calúnia e da mentira", vendo até "centrais da informação" que teriam orquestrado a campanha contra o seu Governo. Frequentemente está completamente convencida (a acreditar na sinceridade das suas declarações) de que foi preciso mais do que o Executivo a que presidiu para desencadear uma viva reacção da maioria dos portugueses. Felizmente, as eleições foram só no dia 2 deste mês...

Em outros dois passos deste último canto desafinado, Maria de Lurdes Pintassilgo começou e rematou esta derradeira aparição afirmando, por um lado, que o espírito com que sai do Governo é exactamente o mesmo com que para ele entrou (o que não transparece da comparação dos dois estados de espírito) e, por outro, que tenciona regressar à UNESCO. Esta versão do seu futuro não condiz, no entanto, com as informações fidedignas que escutam a possibilidade de ser colocada como chefe da Casa Civil do PR. Noutra contradição evidente, considerou também os resultados das eleições como "a expressão clara da vontade da maioria do povo português".

Igualmente guardou um pouco da sua raiva para alguns membros da Igreja sobre os quais tem expandido opiniões de despeito, aproveitando ontem a sua saída de S. Bento, por Belém, para voltar a dirigir críticas a "alguns clérigos que tiveram uma atitude negativa" em relação ao Governo. Julgando-se possuída de protecção especial pelo facto, propagandeado até a exaustão, de ser católica, Maria de Lurdes Pintassilgo não consegue esconder também aqui o seu carácter dogmático. Toda a gente lhe devia veneração, deram-lhe incompreensão, São cruzes...

AMARO DA COSTA COMENTA DECLARAÇÕES

Para além da reacção indignada que as suas palavras certamente provocaram na esmagadora maioria dos jornalistas portugueses (aguarda-se a todo o momento um comunicado do Sindicato dos Jornalistas, cujo grupo é até de duas organizações internacionais de profissionais a que Portugal aderiu) o primeiro político a pronunciar-se sobre o voo de ontem da primeira-ministra cessante foi Amaro da Costa.

Comentando as declarações já citadas, demais porque nem isso mereciam, o vice-presidente do CDS definiu assim "o itinerário político da sra. enga, Maria de Lurdes Pintassilgo como primeiro-ministro de Portugal": "Entrou com arrogância, saiu com azedume". E no que diz respeito concretamente à Informação, Amaro da Costa adiantou:

"O seu descabelado ataque aos meios de Comunicação Social, no momento em que tardiamente acabava de pedir a demissão do seu cargo, foi porém mais longe — revelou uma total incapacidade para compreender o que é, num País democrático, a liberdade de informação".

Mais, para Amaro da Costa "a linguagem azeda e descontrolada da primeira-ministra, às portas da Presidência da República, foi puramente lamentável nos planos político, ético e humano", o que, no seu entender "é caso para os portugueses pensarem". Prosseguindo no seu comentário, o presidente da comissão directiva centrista lembrou logo: "A sra. enga, governou Portugal graças ao consentimento do PS e do PC".

E especificou: "Quanto ao PC ninguém se espantará que dê o seu apoio à peregrina concepção da primeira-ministra acerca dos direitos e dos deveres da Imprensa. E o PS? Será que os socialistas, ainda desta vez, irão parti-

lhar dos pontos de vista de quem por eles foi tão calorosamente defendida? A gravidade das declarações da sra. enga, não irá merecer uma clara tomada de posição do PS?" — concluiu.

PROTEGIDA DE MARCELO CAETANO E SILVA PINTO

Muito a propósito, no mesmo dia em que era aceite a demissão da primeira-ministra (razão pela qual se julga que estivesse tão exaltada) o director do semanário "Tempo" dedicava o seu editorial à carreira política de Maria de Lurdes Pintassilgo. Abstraindo-nos da parte opinativa desse comentário é indispensável, no entanto, transcrever alguns dados biográficos revelados por Nuno Rocha.

A abrir o texto, pode ler-se, por exemplo: "Procuradora à Câmara Corporativa, proposta para deputada pela União Nacional (só não foi candidata porque não estava recenseada na altura), funcionária privilegiada do Ministério das Corporações (graças à gentileza do dr. Marcelo Caetano e do dr. Silva Pinto)...". Depois de alguns excertos, de facto elucidativos, de recentes entrevistas de Maria de Lurdes Pintassilgo, o director do "Tempo" refere-se mais adiante à sua solidão em termos de família.

Escreve Nuno Rocha: "Ocupou-se carinhosamente da mãe (invocou as suas dificuldades para dirigir o lar quando pediu a Marcelo Caetano um lugar no Ministério das Corporações), manteve um afecto total a seu irmão, e dedicou todo o resto da sua vida a essa preocupação de transformar a sociedade e, se possível, o mundo". Simplesmente, acrescenta-se, nem a sua denodada luta contra o antigo regime, nem essas qualidades excelsas de filha, de irmã, e de preocupada, que ninguém põe em causa, deveriam ter sido qualidades definitivas para a escolha que sobre si recaiu. As outras ninguém deu por elas.